



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA – UFSC
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO – CCE
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO**

AMANDA ANTUNES BUENO

Eu sou a minha liberdade:

a relação de detentos e detentas com a leitura no cárcere

RELATÓRIO TÉCNICO

do Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à
disciplina Projetos Experimentais, ministrada pelo Prof.
Fernando Antonio Crocomo, no segundo semestre de
2019.

ORIENTADOR: Prof. Samuel Pantoja Lima

Florianópolis
Dezembro de 2019

FICHA DO TCC		Trabalho de Conclusão de Curso - JORNALISMO UFSC		
ANO	2019			
ALUNO	Amanda Antunes Bueno			
TÍTULO	Eu sou a minha liberdade: a relação de detentos e detentas com a leitura no cárcere			
ORIENTADOR	Samuel Pantoja Lima			
MÍDIA	<input checked="" type="checkbox"/>	Impresso		
	<input type="checkbox"/>	Rádio		
	<input type="checkbox"/>	TV/Vídeo		
	<input type="checkbox"/>	Foto		
	<input type="checkbox"/>	Website		
	<input type="checkbox"/>	Multimídia		
CATEGORIA	<input type="checkbox"/>	Pesquisa Científica		
	<input type="checkbox"/>	Produto Comunicacional		
	<input type="checkbox"/>	Produto Institucional (assessoria de imprensa)		
	<input type="checkbox"/>	Produto Jornalístico (inteiro)	Local da apuração:	
	<input checked="" type="checkbox"/>	Reportagem () Livro-reportagem (X)	(X) Florianópolis (X) Santa Catarina () Região Sul	(X) Brasil () Internacional País: _____
ÁREAS	Sistema carcerário. Florianópolis. Leitura no cárcere. Remição de pena. Livro-reportagem			
RESUMO	<p>Uma pesquisa realizada em 2013 no sistema penitenciário do Distrito Federal revelou que 70% dos detentos da unidade federativa liam de dois a quatro livros por mês – o que significa até 48 livros ao ano. Este índice é cerca de nove vezes maior do que a média da população brasileira em geral, que é de 4,96 obras anuais (lidas em parte ou integralmente). Partindo desses dados, este Trabalho de Conclusão de Curso reúne em um livro-reportagem perfis de pessoas em situação de privação de liberdade situadas em duas unidades prisionais de Florianópolis. A possibilidade de remição de pena pela leitura é uma realidade há poucos anos na capital do Estado, e é o que a maioria dos perfilados tem em comum. O foco da narrativa é a história das pessoas encarceradas, homens e mulheres, principalmente em relação às suas experiências com obras literárias e com a prática de leitura – tudo através do relato humanizado. As unidades prisionais são lugares de difícil acesso, e por isso a voz dos detentos e detentas não é ouvida – o que precisa mudar, já que atualmente cerca de 812 mil brasileiros estão atrás das grades.</p>			

AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Célio Antunes Bueno e Lêle Teresinha Branco Antunes, que todos os dias estiveram ao meu lado dispostos a me ajudar e segurar. Que desde o começo da faculdade acreditaram em mim e apostaram suas fichas no que amo fazer. Este resultado é para vocês. Serei eternamente grata por me amarem e serem lar.

Ao meu companheiro de vida, jornada e criatividade, Rafael Marcos Zatta Krahl, que não saiu nem por um segundo do meu lado e me apoiou quando eu já me faltavam forças para continuar. As discussões com você me fizeram sempre ampliar meu olhar e ver as coisas com mais sensibilidade. Obrigada, meu amor, por fazer um projeto gráfico desses e uma capa que me tirou o fôlego. Tudo que você faz é lindo. Te amar é lindo.

Ao meu orientador, Samuel Pantoja Lima, a quem chamo de mestre, pelo comprometimento em sanar cada dúvida que surgia ao longo do caminho, e estar lá para discutir quais as melhores maneiras de fazer um bom trabalho. Pela disponibilidade, desde o início, e por confiar em mim como você confiou. Que seus dias sejam sempre de felicidade "amazônica". Seu coração é incrível, assim como sua garra.

Aos meus amigos, Mariany Bittencourt, Diana Hilleshein, Carol Gómez, Pedro Cruz e Victor Lacombe. Alguns leram, outros foram ombro. Todos foram amor. Agradeço a cada um de vocês por tornarem a vida mais alegre, por serem suporte e mostrarem que acreditam.

À minha madrinha Leila Schmitz, que amo e fez de tudo para me ajudar durante a execução do trabalho em Lages. Você é uma mulher incrível.

A cada um dos detentos, detentas e ex-detento que, além de compartilharem sua vida, compartilharam esperança. Que mostraram que a história humana é muito mais densa do que se pode imaginar.

Aos professores do projeto Despertar pela Leitura, que me receberam sempre com muito carinho. Vocês me mostraram que ser professor é muito mais que ter uma profissão – é ser base.

SUMÁRIO

1. RESUMO	04
2. APRESENTAÇÃO DO TEMA	05
3. JUSTIFICATIVA	07
3.1. DO TEMA.....	07
3.2. DA MÍDIA E DO FORMATO.....	08
4. PROCESSO DE PRODUÇÃO	10
4.1. PRÉ-APURAÇÃO.....	10
4.2. APURAÇÃO.....	12
4.2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A APURAÇÃO EM GERAL.....	12
4.2.2. PENITENCIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS.....	14
4.2.3. PRESÍDIO FEMININO DE FLORIANÓPOLIS.....	16
4.2.4. FONTES.....	17
4.3. REDAÇÃO.....	18
4.4. IMAGENS.....	22
4.5. DIAGRAMAÇÃO E FORMATO.....	22
5. CUSTOS	23
6. DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS	24
7. DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE	26
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	27

RESUMO

Uma pesquisa realizada em 2013 no sistema penitenciário do Distrito Federal revelou que 70% dos detentos da unidade federativa liam de dois a quatro livros por mês – o que significa até 48 livros ao ano. Este índice é cerca de nove vezes maior do que a média da população brasileira em geral, que é de 4,96 obras anuais (lidas em parte ou integralmente). Partindo desses dados, este Trabalho de Conclusão de Curso reúne em um livro-reportagem perfis de pessoas em situação de privação de liberdade situadas em duas unidades prisionais de Florianópolis. A possibilidade de remição de pena pela leitura é uma realidade há poucos anos na capital do Estado, e é o que a maioria dos perfilados tem em comum. O foco da narrativa é a história das pessoas encarceradas, homens e mulheres, principalmente em relação às suas experiências com obras literárias e com a prática de leitura – tudo através do relato humanizado. As unidades prisionais são lugares de difícil acesso, e por isso a voz dos detentos e detentas não é ouvida – o que precisa mudar, já que atualmente cerca de 812 mil brasileiros estão atrás das grades.

Palavras-chave: Sistema carcerário. Florianópolis. Leitura no cárcere. Remição de pena. Livro-reportagem.

2. APRESENTAÇÃO DO TEMA

A última pesquisa Retratos da Leitura no Brasil entrevistou 5.012 pessoas pelo país. Foi realizada pelo Instituto Pró-Livro (IPL) e divulgada em 2016. Os parâmetros utilizados pela pesquisa consideraram como leitor aquele que leu, inteira ou parcialmente, ao menos um livro nos últimos três meses. Estimou-se, então, que pouco mais da metade (56%) da população brasileira lê. Quando consideramos o gênero do público leitor, a porcentagem de mulheres que leem é maior — 59% são leitoras, enquanto 52% dos homens são leitores.

O levantamento concluiu que menos de um terço da população declarou que gosta muito de ler, e que ser leitor ainda é “uma característica significativamente associada à escolaridade, à renda e ao contexto socioeconômico no qual os indivíduos estão inseridos, o que aponta para um desafio no processo de inclusão de parte significativa dos brasileiros na população leitora” (PRÓ-LIVRO, 2016).

A média de leitura do brasileiro é de 4,96 livros por habitante ao ano. Desta média, 2,43 livros foram lidos do início ao fim. Quando analisada a média de livros lidos anualmente, detectou-se que apenas 2,88 das leituras são feitas por vontade própria e 0,94 são advindas de indicações de escolas.

De acordo com a Lei 12.433, de 29 de junho de 2011, que altera a Lei 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal - LEP), um condenado que cumpra a pena em regime fechado ou semiaberto pode remir, por trabalho ou por estudo, parte do tempo de execução da pena (BRASIL, 2011, p.1). Uma pesquisa realizada por Maria Luzineide Pereira da Costa Ribeiro, doutora em Teoria Literária e Literaturas pela Universidade de Brasília (UnB) com foco na remição de pena pela leitura em penitenciárias federais, mostrou que 70% dos detentos no sistema penitenciário do Distrito Federal leem em média de dois a quatro livros por mês — o que significa até nove vezes mais do que a média do brasileiro. (RIBEIRO, 2017)

O levantamento foi feito com cerca de 200 presidiários. Eles afirmaram que já tinham hábitos de leitura antes da prisão, e que a prática se intensificou após o encarceramento. Conforme Maria Luzineide Costa Ribeiro, em sua dissertação:

(...) a literatura representa no ambiente prisional a possibilidade de resgate da identidade social do indivíduo encarcerado que parece já não mais existir. O sujeito passa a ter uma nova compreensão de quem realmente é, e do seu lugar no mundo: “todos lemos a nós e ao mundo a nossa volta para vislumbrar o que somos e onde estamos. Lemos

para compreender ou para começar a compreender. Não podemos deixar de ler”, de acordo com Manguel. (RIBEIRO, 2017)

Existem dados, além dos levantados em Brasília, que atestam a eficácia da leitura como fator de ressocialização e de diminuição de reincidência criminal. No Pará, por exemplo, Aline Mesquita, servidora que trabalha com leitura no sistema prisional, afirmou que nenhum dos 298 presos que participaram do projeto de biblioteca móvel "Arca da Leitura" voltou a cometer delitos. A iniciativa foi desenvolvida pela Coordenadoria de Educação Prisional da Superintendência do Sistema Penitenciário (Susipe) e iniciou em 2012. Segundo Mesquita, os ganhos com a linguística também são relevantes, pois “os presos que leem aumentam a capacidade de interpretar textos, melhoram o poder de síntese e aprimoram as habilidades ligadas à escrita” (MONTENEGRO, 2017).

Nas unidades prisionais de Santa Catarina, inclusive, apenados e apenadas têm a possibilidade de fazer remição de pena ao lerem livros mensalmente. No Complexo Penitenciário de Florianópolis, no bairro Agrônômica, o projeto "Despertar Pela Leitura" teve início em 2018 e contemplou 240 pessoas em privação de liberdade (DENARDI et al., 2019). A iniciativa é fruto de uma parceria entre a Secretaria de Administração Prisional e Socioeducativa (SAP) e Secretaria da Educação (SED), e hoje já conta com a participação de 5,5 mil presidiários e presidiárias em todo o Estado. (SANTA CATARINA, 2019)

O projeto propõe a leitura como "uma forma de reintegrar o infrator à sociedade e visa não somente a remição da pena, mas a promoção da educação, da cultura e da cidadania, promovendo o conhecimento, as capacidades cognitivas e o resgate da autoestima" (DENARDI et al., 2019).

Para poder diminuir parte da pena, os detentos e detentas têm cerca de um mês para lerem uma obra. Ao final do prazo, realizam uma resenha em que devem alcançar a nota mínima de sete. Cada exemplar lido acarreta na remição da pena em até quatro dias, possibilitando que o condenado possa remir até 48 dias de pena a cada ano — cerca de 13% de um ano atrás das grades.

Diante desta realidade, o objetivo deste Trabalho de Conclusão de Curso é, através de perfis humanizados dos entrevistados, compreender qual é a relação das pessoas em privação de liberdade com a prática de leitura no cárcere. Para alcançar este objetivo, colhi informações que caracterizam cada entrevistado em particular para compor seus perfis, busquei informações sobre o funcionamento do acesso ao acervo de livros nas unidades prisionais

visitadas. Trouxe das pessoas em privação de liberdade suas experiências com a leitura. Como escolhem o que lerão em cada mês? O que encontraram na literatura? Por que leem na prisão? O que a prática implicou em suas vidas? Quais são suas perspectivas de futuro? E como a leitura está vinculada a essas projeções (se está)?

Todas essas questões foram objetos de estudo deste trabalho.

3. JUSTIFICATIVA

3.1. DO TEMA

Este trabalho se justifica primeiramente porque as pessoas que se encontram encarceradas muito dificilmente são ouvidas, e o acesso a elas é bastante limitado. Entretanto, é necessário que se leve em consideração que o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo, com cerca de 812 mil pessoas privadas de liberdade. Fica atrás apenas de Estados Unidos e China, e é urgente que a voz dessas pessoas seja ouvida e transmitida. Mais precisamente quando se fala da prática de leitura e da interação com a literatura, a história dos presos e presas no país é muito pouco retratada.

Das pessoas encarceradas no Brasil, 95% são homens e 5% são mulheres, de acordo com o último levantamento do Banco Nacional de Monitoramento de Presos (BNMP 2.0) (BRASÍLIA, 2018). A maioria tem entre 18 e 24 anos e quase 55% foram classificados como pretos ou pardos. Quanto à escolaridade, a maioria (71,15%) tem o ensino fundamental completo. 32,73% têm o ensino fundamental incompleto e 18,67% têm o ensino médio completo. Apenas 3,41%, cerca de cinco mil presos, são analfabetos.

Em Santa Catarina, a população carcerária corresponde a 23.464 pessoas, de acordo com atualização obtida em 11 de novembro com a Secretaria de Estado da Administração Prisional e Socioeducativa (SAP). No estado, 26,2% são presos sem condenação e 31,76% são presos condenados em execução provisória. Os presos condenados em execução definitiva são 41,21% (BRASÍLIA, 2018). O Presídio Feminino de Florianópolis tem atualmente 117 presas, e a Penitenciária Masculina da capital 1.555.

Além de ceder espaço para que os detentos falem é necessário mostrá-los como os seres humanos que são e, por isso, contar suas histórias com a literatura é importante: faz com que outras pessoas se identifiquem, percebam que cada pessoa tem um passado, um presente e

anseios para o futuro. Mostrar a complexidade da realidade e do próprio ser humano é fundamental, sem reduzir as pessoas encarceradas a simplesmente sua situação de privação de liberdade, como se não houvesse história por baixo dessa superfície.

A razão da escolha por Florianópolis deve-se à criação recente um projeto de leitura no Complexo Penitenciário da cidade, o citado anteriormente “Despertar Pela Leitura”. Além disso, não existem muitos levantamentos e há pouca discussão acerca da leitura nos presídios da Capital. Seria relevante pesquisar a situação em Florianópolis, a exemplo de como foi feito no Distrito Federal, pois o indicativo de que os presos leem muito mais do que a média de leitura do brasileiro pode ser um fator que se repete nas demais regiões do país.

Em todo o Estado, de acordo com dados do Plano Estadual de Educação em Prisões 2016-2026 (SANTA CATARINA, 2017), apenas sete presídios não oferecem salas de leitura e/ou biblioteca aos encarcerados. São 38 bibliotecas distribuídas em 35 unidades prisionais de Santa Catarina, que possuem um acervo total de cerca de 27 mil exemplares. De acordo com a Secretaria de Estado da Justiça e Cidadania (2018), 5,4 mil detentos estudam no sistema prisional (26% das pessoas em situação de privação de liberdade). A educação, seja no ensino regular Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou Ensino Superior, é sinônimo leitura.

Com as oficinas de trabalho, a leitura e a educação, ambientes hostis como os cárceres ganham novos ares e impulsionam iniciativas de ressocialização dentro do próprio sistema. Em 2013, Santa Catarina apareceu em primeiro lugar no ranking dos Estados que promovem a ressocialização em um levantamento feito pelo Departamento Penitenciário Nacional. (SECRETARIA DE ESTADO DA JUSTIÇA E CIDADANIA, 2018)

A biblioteca disponível para uso do projeto Despertar pela Leitura no Complexo Penitenciário de Florianópolis conta com 3.000 exemplares de obras de variados gêneros literários (DENARDI et al., 2019). As temáticas dos livros que lá existem são inúmeras, e a maioria pode ser utilizada para a remição de pena.

3.2. DA MÍDIA E DO FORMATO

O formato escolhido foi o de livro-reportagem, pois entendo que o conteúdo deste trabalho seria melhor contado dessa forma, pois, de acordo com a conceituação de Lima (2004, p. 26), em seu livro "Páginas Ampliadas: o livro-reportagem como extensão do

jornalismo e da literatura", "livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em um grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação jornalística periódicos". Com "grau de amplitude superior" o autor quer dizer que, neste formato, será dada mais ênfase de tratamento ao tema que será o foco – tanto no que diz respeito ao caráter extensivo, de horizontalização do relato, quanto ao caráter intensivo, de aprofundamento.

O livro-reportagem é capaz de conciliar elementos variados do jornalismo, da literatura, da sociologia, história, antropologia e psicologia, por exemplo. "Desempenha um papel específico, de prestar informação ampliada sobre fatos, situações e ideias de relevância social, abarcando uma variedade temática expressiva" (LIMA, 2004, p. 1). A proposta deste livro-reportagem é narrar histórias das pessoas encarceradas que leem, na tentativa de registrar a essência deste grupo da nossa sociedade.

Optei por dividir os capítulos por perfis, e não assuntos, para que o leitor se dedique totalmente àquele personagem. Já são tantos os dias em que suas identidades são ignoradas, em que têm que dividir espaços com outras pessoas, que quis deixar um holofote focado apenas na voz daquela pessoa – apenas ela.

Para poder dar início à minha redação, li algumas obras que me ajudaram e nortearam na estruturação da ideia. Uma delas é “O que é livro-reportagem”, de Edvaldo Pereira Lima (1998). Nesta obra, pude perceber que o formato de meu trabalho de conclusão de curso deveria ser um livro-reportagem. Porque

O livro-reportagem cumpre um relevante papel, preenchendo vazios deixados pelo jornal, pela revista, pelas emissoras de rádio, pelos noticiários da televisão, até mesmo pela *internet* quando utilizada jornalisticamente nos mesmos moldes das normas vigentes na prática impressa convencional. Mais do que isso, avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando, parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística (LIMA, 2004, p. 4).

Outra razão para essa escolha é que, ainda de acordo com Lima (1998, p. 35-36), há certas liberdades que o livro-reportagem pode proporcionar que, na imprensa, são inconcebíveis. Uma delas é a liberdade de tema, que não necessita estar preso ao factual. Pode-se, também, através desse formato, desprender-se da periodicidade dos veículos tradicionais.

Quanto ao tipo de narrativa, após a leitura de “Presos que Menstruam”, da jornalista Nana Queiroz (2015), foi que surgiu a ideia de estruturar o livro-reportagem com a apresentação de perfis dos encarcerados. O livro-reportagem-perfil tem como objetivo evidenciar o lado humano de cada indivíduo. Seja ele conhecido ou desconhecido do público. No caso do desconhecido, os perfilados representam, "por suas características e circunstâncias de vida, um determinado grupo social, passando como que a personificar a realidade do grupo em questão" (LIMA, 2004, p. 52) – no caso deste trabalho, as pessoas privadas de liberdade.

Apresento a história de vida do indivíduo (a que ele ou ela quis contar) e a com a sua relação com a prática de leitura. Há a necessidade de adentrar no mundo de cada pessoa para entendê-lo para, só então, ser capaz de retratá-lo. Minha intenção não foi investigar a veracidade dos detalhes relatados pelos entrevistados nas unidades prisionais, mas relatar suas histórias segundo eles próprios encaram.

A ideia desta série de perfis é trazer dados, contextualização de números sobre a realidade prisional enquanto é trazida a história dos encarcerados — através do relato humanizado. De acordo com Lima (1998, p. 15-16), “perfil é uma reportagem que tenta, quando bem realizada, como que ‘dissecar’ sob vários aspectos uma pessoa, principalmente personalidades públicas, para que o público passe a entendê-la sob uma perspectiva multidimensional”.

4. PROCESSO DE PRODUÇÃO

4.1. PRÉ-APURAÇÃO

Sempre fui apaixonada pela literatura, pois ela é uma personagem essencial em minha formação como ser humano. A prática da leitura é algo que sempre me despertou interesse de estudo, e ao longo do curso de Jornalismo comecei a pensar em como abordá-la em meus trabalhos. Enquanto estava na sexta fase, produzi com uma amiga e colega de turma uma grande-reportagem sobre mulheres na literatura.

Durante a sétima fase, foi vez de realizar uma reportagem que contaram com histórias de três pessoas que participavam do clube Lendo Brasileiros, que tem encontros mensais na Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina. Conteí suas trajetórias ligadas à leitura enquanto fazia um panorama sobre o assunto no Brasil. À época, poucas pessoas participavam do clube.

Um fato curioso que liga este último trabalho citado ao meu TCC é que a reportagem que produzi anteriormente era intitulada "Salvador é logo ali". Neste trabalho, o título escolhido teve conotação semelhante: "Eu sou a minha liberdade: a relação de detentos e detentas com a leitura no cárcere".

Ambos fazem uma alusão ao fato de a literatura ser capaz de transportar e nos possibilitar viver outras vidas enquanto continuamos na nossa própria pele. No meu primeiro texto, o título deveu-se ao fato de que, enquanto discutíamos sobre Jorge Amado e Capitães da Areia, sentíamos todos uma forte conexão com a Capital baiana e com os meninos, personagens daquela história. Diferentemente deles, todos nós que estávamos na Sala Harry Laus reunidos tínhamos nome e sobrenome. Tínhamos um teto onde podíamos nos deitar, ler, comer. Não éramos crianças, não vivíamos nas ruas da Bahia, não éramos marginalizados, considerados ladrões e delinquentes. Não compartilhávamos nem de longe a realidade de pobreza do bando de garotos que viviam no trapiche de Salvador. Mas era como se tivéssemos vivido tudo isso. Essa empatia e o "sentir-se no lugar do outro" é, para mim, a importância da literatura.

Para o livro-reportagem produto deste TCC, o título também teve este objetivo. Reuni frases em comum que os entrevistados disseram e tentei transformá-la em uma ideia principal vinculada ao assunto em evidência.

Produzir o trabalho final da graduação sobre a leitura sempre foi um desejo. Mas qual leitura? Eu ainda não sabia. A leitura não é a mesma para todos, já que cada um tem uma condição socioeconômica e o Brasil não é um país de leitores, de acordo com as pesquisas do Instituto Pró-Livro. Ainda precisava estabelecer quais sujeitos seriam os protagonistas.

Deparei-me, então, com uma reportagem na revista Exame intitulada "Projeto dá visibilidade aos principais leitores do Brasil: os presidiários". Quando li sobre a pesquisa de Maria Luzineide Pereira da Costa Ribeiro (que era mencionada no material), de que as pessoas em situação de privação de liberdade no Distrito Federal liam até quatro livros por mês, eu soube: tinha em mãos uma pauta que poderia render muita reflexão.

Enquanto ainda cursava Técnicas de Projeto em Comunicação, no segundo semestre de 2018, percebi que não bastava ter apenas a notícia em mãos de que maioria dos detentos do Complexo Penitenciário da Papuda liam até nove vezes mais do que a média nacional. Tendo em vista que meu objetivo era contar histórias de pessoas que estão em situação de privação

de liberdade em Florianópolis, era preciso verificar se os detentos e as detentas na Capital de Santa Catarina de fato se interessavam por leitura.

Para isso, marquei uma entrevista com a agente Ladice de Jesus Almeida, do Departamento de Administração Prisional de Santa Catarina (DEAP/SC), que atua na gerência de apoio ao egresso. Em novembro de 2018, ela me certificou de que as unidades florianopolitanas contam com o projeto Despertar pela Leitura, que faz remição de pena, e que os detentos e as detentas liam.

À época, ela me antecipou que, segundo a sua percepção, a prática se iniciava simplesmente com o objetivo de diminuir os dias no cárcere (um dos objetivos do projeto, mas não o principal). Ao começar a participar, os internos e internas começavam a mudar seu comportamento e a ter perspectivas diferentes para o futuro. Mudanças já na maneira de tratar a família, nas visitas, começavam a aparecer, ao mesmo tempo que via-se uma expansão da perspectiva de mundo e de futuro deles próprios. Além disso, percebia-se uma ampliação significativa de vocabulário, que se aumentava à medida que os meses em companhia dos livros passavam.

Após essa pré-apuração, concluí que existia a possibilidade de colocar em prática tudo que foi explicitado no pré-projeto, tendo em vista que, de acordo com a agente entrevistada, era viável a minha entrada nas unidades prisionais de Florianópolis e a conversa com os encarcerados. Para isso, foi-me solicitado que encaminhasse uma declaração da Universidade e um plano detalhado de quais eram os meus objetivos e quais eram as solicitações que gostaria de fazer ao DEAP.

4.2. APURAÇÃO

4.2.1. CONSIDERAÇÕES SOBRE A APURAÇÃO EM GERAL

É importante ter a noção prévia de que as construções ideológicas de quem escreve a reportagem estão intrinsecamente ligadas à abordagem da produção de um modo geral. Isto porque não existe neutralidade, devemos reconhecer a subjetividade que é indissociável do ser humano, como explicita Caputo (2006). É diante dessa percepção que parti para a execução do trabalho. Cada descrição que fiz, tudo que percebi, as perguntas que fiz aos entrevistados – e o que deixei de perceber e de perguntar –, tudo está ligado a quem sou, à minha bagagem não só como estudante de Jornalismo, mas como ser humano.

Em meu lugar, outra pessoa que tivesse o mesmo acesso que tive provavelmente perceberia coisas de outra perspectiva – da sua própria. Ofereço neste trabalho, portanto, a história dos perfilados e a minha própria ao contá-las, indiretamente (através do meu olhar) e diretamente (através da primeira pessoa em alguns momentos da narrativa).

Por essas questões, acreditando que a preocupação com a transparência deve predominar, fiz com que a obra possa mostrar ao leitor como foi a minha trajetória e quais foram (e como foram feitas) as minhas escolhas no decorrer da reportagem.

Para isso, utilizo a terceira pessoa para contar as histórias dos personagens e, também, a primeira para mostrar a minha inserção na reportagem em alguns momentos. Outra razão pela qual decidi que usaria o recurso de narração em primeira pessoa se deve ao restrito acesso que as unidades prisionais oferecem. Não há amplo acesso a qualquer um que queira conhecer o ambiente – o que é compreensível, tendo em vista que ao Estado cabe o papel de assegurar que tanto o interno quanto o visitante estejam em segurança. Mesmo a mim, que tive o projeto autorizado formalmente, foram visitas espaçadas e escassas.

Apuração é a essência do jornalismo, o trabalho de reportagem propriamente dito. Requer persistência e humildade. A primeira serve para impelir o trabalho adiante, mesmo quando há obstáculos a transpor. A segunda ajuda o jornalista a não incorrer no erro de achar que sabe tudo e, com isso, ser atropelado por fatos e preconceitos (BELO, 2017, p. 86).

A quem lê o livro-reportagem é imprescindível ter em mente que as histórias apresentadas são as que as pessoas em privação de liberdade quiseram me contar. Não tomei como meu o papel de checagem externas, com familiares ou advogados para confirmar a versão dos detentos e das detentas, pois seria inviável em relação ao prazo estabelecido para a entrega e o número de entrevistados. É possível que haja depoimentos que contenham "autoficção", narrativas que o indivíduo criou para si e que, naquele momento, faziam sentido para ele ou ela (por quaisquer razões que sejam).

Em todas as entrevistas, quando eu via que o assunto era sensível ou deixava a fonte abalada, sempre deixei claro que elas não eram obrigadas a falar daquilo. Acredito que, diariamente, o poder de escolha dessas pessoas é ignorado, e não queria ser mais uma a fazê-los pensar que o que estavam fazendo por mim era obrigatório. Ali, eles poderiam escolher me contar suas histórias ou não. Serem fotografados ou não.

Tentei sempre deixar claro, também, que não era juíza nem advogada de defesa ou promotora. Que meu papel era simplesmente de contar as histórias.

Foi muito importante participar dos processos que envolvem a remição de pena, como as aulas ministradas pelos professores. Acompanhei o processo do início ao fim: desde a escolha do livro a ser lido até a elaboração da resenha. Minha entrada foi permitida apenas com a câmera fotográfica e o gravador, não sendo autorizado o uso do gravador do smartphone.

4.2.2. PENITENCIÁRIA DE FLORIANÓPOLIS

Para começar a apuração efetivamente, foi preciso antes passar por um processo demorado e burocrático de preenchimento de documentos e autorizações e envio do projeto, que se iniciou no dia 6 de junho de 2019. Após o envio do projeto em si, me foi solicitado também o preenchimento de um termo de confidencialidade e sigilo, entregue em julho. Depois de todos os documentos terem sido analisados e, de acordo com Ladice Almeida, aprovados. Ela me direcionou ao supervisor de ensino na Penitenciária de Florianópolis, Jannyffer Nazário, que seria responsável por acompanhar minhas entradas na unidade.

Apesar de ter conseguido encaminhar toda a parte burocrática entre junho e julho, ou seja, estar apta a iniciar a apuração já a partir de 12 de julho, só foi possível fazer a primeira rodada de entrevistas na unidade em 28 de setembro. Foi um período bastante desgastante, pois embora solicitasse mais de uma vez a cada semana ao agente penitenciário o agendamento das visitas, quando recebi suas respostas, eram, na maioria das vezes, negativas.

Houve um período de algumas semanas em que não obtive respostas e somente no dia 10 de setembro foi possível entrar pela primeira vez na unidade. À ocasião, só pude apurar questões relacionadas ao projeto *Despertar pela Leitura* com uma das professoras. No dia 12 de setembro, consegui autorização para entrar e ver uma das aulas para remição de pena acontecendo. No entanto, não havia sido informada de que precisaria de uma outra autorização, da Coordenadoria Regional de Educação de Florianópolis, que encaminharia para autorização também do Centro de Educação de Jovens e Adultos de Florianópolis (CEJA), para poder acompanhar as aulas e entrevistar reeducandos e professores.

Neste 12 de setembro, tendo em vista que até ali seria a primeira vez que entraria para presenciar uma aula e conversar com os apenados, pedi uma folga do trabalho em período

integral para poder me dedicar a essa atividade. Meu turno de trabalho era das 15h30 às 23h30. Ao chegar à unidade, às 15h, conforme combinado, fui informada que ele ainda não havia chegado para me acompanhar. Estava na unidade de São Pedro de Alcântara, incomunicável, e por volta das 17h chegou e para me conduzir à aula, que já havia começado. Esta visita acabou não sendo tão produtiva, pois seu expediente terminava por volta das 18h30 e não tive oportunidade de conversar pela primeira vez com os detentos.

Depois desta visita, fui até a Coordenadoria Regional de Educação de Florianópolis e consegui a última autorização necessária.

Consegui marcar com o agente a primeira rodada de entrevistas com os presidiários, em 28 de setembro. Foi quando a maior parte de minha apuração foi realizada. Consegui conversar com quatro homens, cada um por cerca de uma hora. Fiquei na unidade das 9h às 17h, e no horário de almoço do agente, aproveitei para tirar dúvidas com a diretora do presídio feminino, Joana Mahfuz, e assim que terminamos voltei para onde estava.

Depois disso, não consegui mais respostas para marcar novas entrevistas. Nas semanas que se seguiram, trabalhei no material coletado. Como havia previsto, um encontro apenas não seria suficiente para sanar todas as dúvidas. É preciso lembrar que as unidades prisionais são ambientes hostis, e os detentos não estão acostumados a serem entrevistados por uma pessoa que lhes é estranha.

Em 16 de outubro, saí do meu emprego em período integral. Mesmo com disponibilidade em qualquer horário tentando contato repetidas vezes durante as semanas, o tempo se passava e continuava tendo apenas negativas. Foram imensas as dificuldades de acessar a Penitenciária de Florianópolis.

Foi então que comecei a pensar em um plano B, já que poderia voltar à minha cidade natal e desenvolver o restante da apuração por lá. Em contato com Ladice Almeida, novamente, solicitei entrada nas unidades de Lages – o Presídio Masculino e o Presídio Regional. Consegui rapidamente as autorizações do DEAP e, também, dos diretores das unidades lageanas para realizar a apuração. Já era novembro, e consegui entrar uma vez em cada presídio de Lages. Entrevistei homens e mulheres, mas apenas por 15 minutos com cada.

Em 13 de novembro, finalmente consegui agendar para 23 do mesmo mês uma última rodada de entrevistas com as mesmas fontes com quem já havia tido contato anteriormente na unidade masculina de Florianópolis. Além disso, consegui participar de mais duas aulas, ambas no dia 14 de novembro, para realizar as fotos e ver como aconteciam nas diferentes

alas da penitenciária. Como havia mais apuração concluída a partir da rodada anterior de entrevistas, em setembro, e ainda parte do trabalho já escrita, optei por abandonar o plano B.

Gostaria muito de ter continuado a apuração em Lages e ter inserido a história das pessoas que começaram a me contar as suas experiências, mas em um momento tive de optar, devido à limitação de prazo que, àquele ponto, já era curtíssimo.

A segunda – e última – rodada de conversas na capital de Santa Catarina começou às 9h de 23 de novembro. Foi a última vez que entrei para conversar com os presidiários.

4.2.3. PRESÍDIO FEMININO DE FLORIANÓPOLIS

A autorização por parte da diretoria do Presídio Feminino foi concedida logo após o envio do DEAP à unidade. Em uma conversa para combinar como funcionária, Joana Mahfuz, a diretora, informou-me que, como estavam com pouco pessoal trabalhando na unidade, não seria possível entrevistar mais de uma ou duas detentas. O tempo também teria que ser limitado a visitas que durassem em torno de 15 minutos.

Para ter mais tempo de entrevistas e conseguir me conectar melhor às fontes, sabendo que as salas de aula no presídio feminino não teriam grades e eu poderia ter contato com as internas, tratei de fazer a maior parte da apuração nas quatro aulas das quais consegui participar. Como o projeto Despertar pela Leitura no Presídio Feminino tem apenas duas turmas – uma no turno da manhã e outra no da tarde –, participei dos encontros das duas classes em dois meses: setembro e novembro. Assisti à aula que seria a marcada para outubro, mas que foi justamente a que foi remarcada e passou para novembro.

A primeira e a segunda aconteceram em 26 de setembro. Consegui, enquanto ocorriam, conversar com algumas mulheres – quatro, no total. Como sabia que não conseguiria muitas entrevistas posteriores, tentei focar em poucas que estivessem dispostas a conversar. Duas delas, com quem só consegui conversar muito brevemente, não entraram para o livro devido ao prazo curto e ao pouco tempo em que pude coletar informações sobre suas vidas.

Antes da última aula, em 11 de outubro, consegui uma rodada de entrevistas com as mulheres com quem já havia conversado em aula. Foram estabelecidos 15 minutos com cada uma.

Em minha última visita, nas aulas da manhã e da tarde do dia 14 de novembro, foi possível sanar as dúvidas e terminar a apuração com as mulheres. Neste dia, participei de aulas tanto no feminino, quanto no masculino.

Como minha intenção não era atrapalhar as reeducandas, passava o primeiro momento da aplicação das provas fotografando e, à medida que terminavam e estavam liberadas, tentava sentar com elas para conversar.

4.2.4. FONTES

As fontes entrevistadas para o livro-reportagem foram diversas, cada uma com um papel importante na contribuição para o entendimento e a elaboração do texto final:

1. **Detentos, detentas e um ex-detento.** Foram seis os/as principais protagonistas deste TCC, que tomaram a maior parte das páginas do material com suas histórias de vida, cárcere e leitura. Nem todas as entrevistas viraram parte do livro, houve uma seleção para que o tempo de redigir os perfis fosse viável. Ao total, foram entrevistados, em Florianópolis, oito pessoas em privação de liberdade e um ex-detento. Em Lages, foram sete entrevistas (por um espaço curto de tempo, cada um).

2. **Professores do projeto “Despertar pela Leitura”**, Gabriela Souza Schebella, Fernanda Aparecida Róhden e Adailson Robalino Leal. Além de esclarecerem sobre como funciona o processo de remição, acabaram tornando-se histórias de um capítulo dedicado somente aos professores. Isso por terem experiências relacionadas aos internos, seus alunos e seus aprendizados, que me chamaram a atenção. Foram eles e Jannyffer Nazário que ajudaram a indicar pessoas para entrevistas dentro da Penitenciária de Florianópolis e do Presídio Feminino. Em Lages (cujas entrevistas, conforme relatado anteriormente, não chegaram a figurar o livro-reportagem), conversei com as duas professoras da cidade responsáveis pelo projeto Despertar pela Leitura.

3. **Jannyffer Nazário.** Supervisor de ensino da Penitenciária de Florianópolis. Agente que me acompanhou nas visitas à Penitenciária de Florianópolis. Era a única fonte com quem eu podia entrar em contato para marcar visitas. Forneceu dados sobre o número de internos participantes do projeto de remição pela leitura e sobre o funcionamento do ambiente prisional.

4. **Joana Mahfuz Vicini**, diretora do Presídio Feminino de Florianópolis. Autorizou as minhas entradas na unidade, forneceu dados acerca do presídio e contribuiu com informações relacionados à leitura no cárcere, além de detalhes sobre a estrutura da unidade.

5. **Daniella Camara Pizarro**. Coordenadora do programa "Novos Horizontes: a Universidade nos espaços de privação de liberdade", que tem papel importante na biblioteca da Penitenciária da capital e também na inclusão de pessoas em situação de privação de liberdade que cursam o Ensino Superior na Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc).

6. **Gabriel Volinger**. Assistente de Assessoria de Imprensa na Secretaria de Administração Prisional e Socioeducativa. Forneceu dados atualizados acerca da população carcerária catarinense.

7. **João Marcos Buch**. Juiz encarregado da homologação da remição de pena pela leitura. A partir de seu depoimento, fonte de renome no assunto, pude saber mais sobre como funciona o sistema e me aprofundar em suas visões quanto à leitura como fator ressocializador. João Marcos Buch foi quem instituiu a remição de pena para presidiários em Joinville.

8. **Rosângela Pedralli**. Professora da UFSC, doutora em linguística aplicada e em Educação de Jovens e Adultos. Forneceu sua visão sobre o potencial da leitura e na ressocialização, contribuiu para o meu entendimento sobre os diferentes tipos de leitura e seus reflexos nos indivíduos em privação de liberdade. A partir do seu relato, pude escrever os perfis com uma visão diferente da que tinha inicialmente, mais bem embasada, realista e relacionada a análises uma especialista na área.

9. **Ladice de Jesus Almeida**. Contribuiu ainda durante o pré-projeto, contando-me alguns dos efeitos que via que a leitura causava nas pessoas em privação de liberdade. Durante a execução, enviou minha autorização à Penitenciária e

4.3. REDAÇÃO

Sempre tive muita afinidade com um processo de escrita mais livre e literário – também de mais fôlego, em que passamos bastante tempo debruçados em um mesmo assunto, o que faz com que o conteúdo produzido seja mais aprofundado e contenha elementos que, no dia a dia, talvez não fosse possível.

Desde a primeira fase tinha vontade de escrever fora dos moldes que levam o lead a ser o elemento mais importante da narrativa, com as informações sendo passadas de forma bastante objetiva e, muitas vezes, breve. Sou apaixonada pelo trabalho de descrever cada elemento de que tenho lembrança e tento captar com um entrevistado, ou de um ambiente.

Como parte da preparação para a redação, tentei reunir obras literárias (ficcionais e não-ficcionais). Escolhi algumas que me familiarizassem com o tema do cárcere, e outras apenas por serem boas referências de livro-reportagens. Acredito que podemos adquirir bagagem muito significativa ao ficarmos em contato com obras que, sendo baseadas ou não na realidade, nos façam perceber nuances do cotidiano (ou sobre um tema) que talvez não fossem percebidas sem o uso de uma linguagem literária.

Leituras que me inspiraram nas descrições e no estilo foram algumas reportagens de O Olho da Rua (2017), de Eliane Brum, e A Sangue Frio (2003), de Truman Capote. As obras de Daniela Arbex, Todo Dia a Mesma Noite (2018) e Cova 312 (2015), também tiveram esse papel em minha trajetória: me fazer entender que o jornalismo é também literário e, como tal, tem elevada a sua potência e capacidade de transmitir o que temos a dizer. Pude adentrar na profundidade social das prisões com a ajuda de obras como Presos que Menstruam, de Nana Queiroz, que foi a primeira obra que li quando decidi escrever meu próprio livro.

Procurando na literatura, tive um encontro com Daqui Pra Baixo (2019), de Jason Reynolds, que teve um papel muito importante: me ajudou a lembrar que a disposição das palavras na página não precisa ser, necessariamente, apenas em blocos de parágrafos. Muitas vezes, as sensações podem ser passadas com muito mais eficácia quando deixamos palavras sozinhas, ou então dispostas de maneira que transmita o que queremos passar – como uma sensação relacionada ao espaço, por exemplo. Ocorreram em situações pontuais, não em todo o texto.

Quanto mais referências colhia, da ficção e da não-ficção, mais ideias tinha de como escrever meu próprio livro. Sempre fui muito inspirada pelo que leio, desde trabalhos de colegas de turma até grandes obras da literatura mundial, e o que mais gosto em qualquer coisa que leio é, primeiramente, como pessoas que nem conhecemos – muitas, que nem existem de verdade – podem fazer com que nos identifiquemos ou que sintamos suas dores e suas felicidades. Esse potencial da literatura faz com que as pessoas em privação de liberdade, como qualquer outro leitor, sintam tanta empatia pelos personagens que comecem a ver a vida e os indivíduos de outra maneira.

Uma coisa que também me atrai é perceber a marca que o autor deixa de si, através de como conta as histórias dos outros. Não é apenas escrever, mas como escrever.

O caráter "exclusivo do livro permite o resgate do chamado "texto do autor". O estilo do escritor-jornalista muitas vezes se vê sufocado pelas exigências de tempo, espaço e manuais de estilo das redações em que trabalha. No livro, o texto ganha contornos amplos: permite uma concepção mais literária, dá margem a diferentes construções, quase sempre impraticáveis em um jornal ou uma revista (BELO, 2017, p. 119).

O livro tem 104 páginas, e começou a ser escrito ainda em outubro de 2019. A maioria do conteúdo, no entanto, apenas foi possível de escrever no fim de novembro e início de dezembro. Está dividido em prefácio e oito capítulos.

O primeiro, "bem-vinda ao inferno", levou este título por ser a primeira frase que ouvi de um dos agentes ao entrar na ala "Interna" da penitenciária para presenciar uma das aulas do projeto Despertar pela Leitura. É um capítulo em que levo o leitor para conhecer um pouco do complexo penitenciário – as áreas que tive oportunidade de visitar – e desembocamos na sala de aula. Após contar um pouco de como as aulas funcionam para alguns colegas de curso, vi que suas expressões eram de surpresa. Ninguém sabia como era uma sala de aula dentro da prisão – nem eu, antes de iniciar este trabalho. Com isso, minha intenção foi descrever alguns dos detalhes que compuseram a cena que testemunhei. Logo depois, trago alguns dados sobre o sistema carcerário brasileiro para dar dimensão, ao leitor, de que aquilo que vi não é um caso isolado, mas realidade de uma grande porção da nossa sociedade.

"De tragédia já basta a minha vida" traz a história de Anderson (todos os nomes de pessoas que estão em privação de liberdade e de seus familiares foram substituídos por nomes fictícios, que não levam sobrenome). Entrevistei-o enquanto estava algemado à minha frente – em uma cadeira que estava a mais ou menos um metro de distância de mim. Uma das coisas que chamam a atenção em Anderson é a mudança de comportamento que teve depois que descobriu e se apegou ao hábito de leitura.

Uma das histórias que mais falei comigo foi a de Teresa. O nome do capítulo, "A parede e a grade não me limitam", não podia ser outro. Encontrou várias formas de transpor as paredes do cárcere, e uma delas foi trocando cartas e fazendo delas sua literatura. É leitora ávida desde antes de ser confinada. Não consigo saber ao certo se ela criou uma autoficção

sobre o motivo que a levou à prisão, e tentei deixar isso claro ao relatar essa parte de sua história.

Uma cena entre professora e aluna que aconteceu enquanto conversava com Teresa durante a aula me fez escrever, depois do perfil dela, o capítulo "Dez com estrelinha", em que compilei histórias contadas pelos professores da Penitenciária da capital e do Presídio Feminino que atuam na remição de pena pela leitura. Não somente histórias, mas as impressões dos docentes sobre o que o hábito de ler acarreta na vida dos alunos e alunas.

Em seguida vem Cristina com seu capítulo "Morreu, tu esquece", o quinto. É uma mulher que esteve sorridente grande parte do tempo em que conversamos, e estava empolgada para contar sua história. Fazia 30 anos que Cristina não se sentava em uma sala de aula para estudar, como aluna, e descobriu que a leitura a fez passar a entender melhor o próprio filho.

O sexto, intitulado "Minha mente eles não vão prender", fala de Torres, um homem que trabalha na cozinha em uma das alas da unidade. Ele está preso há cerca de dez anos, e encontrou o máximo de formas que conseguiu para tentar fugir do cárcere sem, realmente, passar dos portões. Assim como quando falei de Anderson e Teresa, foi um dos capítulos em que mais tive a sensação de ter alcançado meu objetivo de fazer uma narrativa cinematográfica e uma descrição realista, literária.

No sétimo capítulo, "liberdade que pode conduzir à morte", quem conta sua história é Alberto. Ele é um ex-policia militar que narra sua vida a mim em terceira pessoa. Além de participar do projeto de remição pela leitura, Alberto lê diversos materiais dentro da cela, pois é um aluno de graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Como ainda está cursando, optei por não inserir muitos detalhes, como o curso, para não correr o risco de identificá-lo.

Quem fecha o livro-reportagem é Joel Nunes da Silva, um ex-presidiário que cursou Serviço Social na UFSC. Me permitiu que utilizasse seu nome e, tendo em vista que gosta de palestrar sobre o tema da educação no cárcere, senti que não devia substituir seu nome, mesmo. Quer que sua voz seja ouvida, assim como os outros. Ele foi a inspiração para a criação do programa Novos Horizontes, da Universidade do Estado de Santa Catarina, a Udesc. Duas das ações da iniciativa são aplicar o Vestibular nas unidades prisionais do Complexo Penitenciário e, também cuidar do acervo da biblioteca prisional da unidade e estimular a leitura.

4.4. IMAGENS

O equipamento utilizado para registros das aulas do projeto Despertar pela Leitura foi uma Canon EOS 70D e lentes 50, 18-135 e 10-18 milímetros (equipamento próprio). Além disso, o arquiteto e urbanista Rafael Marcos Zatta Krahl se dispôs a ilustrar a capa do livro-reportagem.

Foi-me concedida autorização formal do DEAP, da Secretaria de Estado da Educação (SED) e do Centro de Educação de Jovens e Adultos (CEJA) para fotografar as aulas e compor o livro com texto e imagens. Não me foi permitido, no entanto, identificar nas fotos os detentos e detentas. Por isso, como solicitado, apaguei os números registrados em suas vestes e usei recursos de tratamento de imagem para não identificar seus rostos.

Durante as aulas, todos os internos e internas que estiveram na sala assinaram um termo de autorização de imagem. Os que foram entrevistados também assinaram uma autorização para que eu pudesse acessar suas resenhas. Essas resenhas foram integradas a imagens ao longo da narrativa e mostrar um pouco das produções daquelas pessoas, de como veem a leitura e para que o leitor tenha acesso ao que elas próprias dizem sobre o potencial dos livros.

4.5. DIAGRAMAÇÃO E FORMATO

Ao longo do curso me familiarizei com a prática de diagramação. Entretanto, como as tarefas relacionadas à apuração e à redação de um livro-reportagem demandam bastante tempo, decidi priorizá-las, deixando a tarefa de diagramação para meu companheiro, Rafael Krahl, o mesmo que se dispôs a ilustrar a capa.

As decisões quanto às dimensões do livro, cores e tipologia foram discutidas por nós dois. Devido a imprevistos no cronograma – que ficou bastante restrito devido à dificuldade de entrada para entrevistas com os detentos e detentas –, decido não ser avaliada quanto ao projeto gráfico da obra que é produto deste trabalho.

O formato do livro é A5 (14,8cm x 21cm), impresso em escala de cinza (para as partes apenas escritas) e em cores (para as páginas em que houver fotografia e recursos visuais coloridos). Pretendo destinar uma das cópias, ao menos, à biblioteca prisional que atende as

unidades em que fui recebida, para que os entrevistados possam ter acesso ao que escrevi sobre eles.

5. CUSTOS

Utilizei equipamentos próprios (citados abaixo e anteriormente neste relatório) e gravadores através de empréstimo no departamento de Jornalismo. Utilizei meu notebook para escrever o livro, assim como usei câmera própria para registrar as aulas no Complexo Penitenciário.

Os gastos mais altos com esse trabalho vieram com a tentativa de executar meu "plano B", cuja apuração chegou a começar. Gastei combustível com viagens entre a capital do Estado e Lages, de ida e volta. Ainda pretendo continuar a apuração e expandi-la para outras cidades de Santa Catarina, por isso não considero que meu trabalho tenha sido em vão.

ITEM	VALOR
Cartão de memória 64GB	R\$ 100,00
Transporte (combustível)	R\$ 350,00
Capa e projeto gráfico e capa*	-----
Impressão de roteiros, documentos (autorizações) e textos de apoio	R\$ 30,00
Impressão do livro-reportagem (3 exemplares)**	R\$ 202,20
Impressão do relatório (orçamento para 3 exemplares)	R\$ 30,00
TOTAL:	R\$ 712,20

* Colaboração.

** Feito com a empresa Cella Gráfica Digital, de Florianópolis.

6. DIFICULDADES, DESAFIOS E APRENDIZADOS

A principal dificuldade que encontrei durante toda a execução deste trabalho foi o acesso às unidades prisionais – principalmente na penitenciária de Florianópolis. Isso limitou muito o tempo que tive para redigir o texto, pensar em melhores maneiras de expressar o que queria com as técnicas que aprendi ao longo do curso. E na própria construção da narrativa. Não eram apenas lacunas importantes que deveriam ser preenchidas em mais entrevistas, mas uma conexão com as fontes que não consegui criar tão profundamente quanto queria para inspirar nela confiança de me contar.

Nunca antes durante qualquer trabalho tive que lidar com tamanho volume de conteúdo para ser transformado em um texto. Tive que, basicamente, escrever dez trabalhos finais dentro de um só – e fazer com que fizessem sentido juntos. Isso me fez aprender não só sobre Jornalismo, mas sobre mim mesma. Acreditava que, como uma pessoa bastante tímida e introspectiva, jamais conseguiria sentar frente a frente com detentos e detentas, que convivem em um ambiente hostil, e conquistar deles a confiança para que conversassem comigo sobre questões tão particulares, que só lhes diziam respeito.

Sempre me lembrava de uma entrevista com Eliane Brum que me fez sentir que conseguiria. Lá, ela dizia que era uma "escutadeira". Que não arrancava nada das pessoas, elas falavam e, quando não queriam, ela se retirava. Foi com essas palavras em mente que comecei a apuração.

Aprendi muito sobre apuração, sobre o próprio tema e sobre como era essencial estar bem preparada para cada entrevista. Isso fez toda a diferença e, acredito que se não tivesse consciência disso, jamais teria conseguido reunir tanta informação densa em apenas dois encontros, em média, com cada fonte.

As questões de segurança eram algo que deixava meu corpo e mente tensos. Isso porque tudo o que entra na sala de aula, deve sair, por exemplo. Em um momento, enquanto colhia autorizações de imagem e de documentação em uma aula no Presídio Feminino, pensei ter perdido um clipe de papel. Procurei incansavelmente o objeto (que estava em minha bolsa fotográfica, no fim das contas), porque sabia que poderia causar problema para alguém depois – fosse agente, detenta ou professora.

Em outro momento, enquanto estava fotografando, vi uma agente se aproximar e confundir meu gravador com um celular. Me avisou que aquilo não era permitido. Esclareci, e

então ela me questionou sobre a autorização do registro em fotografia. Quando falei que havia uma autorização da diretora do presídio, ela falou que iria checar e, se não procedesse, teria que apreender minha câmera e apagar todas as fotos. Aquilo foi desanimador, mas foi resolvido dentro de alguns minutos. Essa troca de turnos fazia com que eu não conseguisse conhecer as agentes para inspirar confiança, e isso era algo que resultava nesse tipo de problema, de vez em quando.

Um de meus maiores desafios – que culminaram em imenso aprendizado – foi processar tanta informação ao mesmo tempo e distribuí-las de maneira coerente, coesa, que fizesse sentido e fosse escrito da maneira que eu gosto: com recursos literários. Foi só com muitas e muitas horas de dedicação inteiramente a esse trabalho que o resultado realmente foi ver um livro pronto. Jamais vou me esquecer da sensação de vê-lo pronto na página, diagramado.

7. DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Amanda Antunes Bueno, aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 15201473, declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **Eu sou a minha liberdade: a relação de detentos e detentas com a leitura no cárcere** é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), “em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis”.

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 13 de Dezembro de 2019

Amanda Antunes Bueno

Assinatura

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARBEX, Daniela. *Cova 312: a longa jornada de uma repórter para descobrir o destino de um guerrilheiro, derrubar uma farsa e mudar um capítulo da história do Brasil*. São Paulo: Geração Editorial, 2015. 344 p.

ARBEX, Daniela. *Todo dia a mesma noite: A história não contada da boate Kiss*. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2018. 240 p.

Brasil, **Lei n. 12.433, de 29 de junho de 2011. Altera a Lei nº 7.210, de 11 de julho de 1984 (Lei de Execução Penal), para dispor sobre a remição de parte do tempo de execução da pena por estudo ou por trabalho**. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 30 jun. 2011. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/lei/112433.htm>. Acesso em: 23 out. 2018.

BARBIÉRI, Luiz Felipe. **CNJ registra pelo menos 812 mil presos no país; 41,5% não têm condenação**. 2019. Disponível em: <<https://glo.bo/34f8M24>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2017. 140 p.

BIANCHIN, Neila. **Romance reportagem**. Florianópolis: Edufsc, 1997.

BRASÍLIA. Julhiana Miranda Melloh Almeida. Conselho Nacional de Justiça (Org.). **Banco Nacional de Monitoramento de Presos 2.0**. 2018. Disponível em: <<http://www.cnj.jus.br/files/conteudo/arquivo/2018/08/987409aa856db291197e81ed314499fb.pdf>>. Acesso em: 08 out. 2018.

BRASIL. INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **IBGE divulga as estimativas da população dos municípios para 2019**. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2YImv0A>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

BRUM, Eliane. **O olho da rua: um repórter em busca da literatura da vida real**. 2. ed. Porto Alegre: Arquipélago Editorial, 2017. 376 p.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. 44. ed. Rio de Janeiro: Record, 2018. 126 p.

CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio: relato verdadeiro de um homicídio múltiplo e suas conseqüências**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CAPUTO, Stela Guedes. **Sobre entrevistas: Teoria, prática e experiências**. Petrópolis: Vozes, 2006. 203 p.

Conselho Nacional de Justiça. **Leitura na prisão muda destino de condenados**. 2017. Disponível em: <<https://www.cnj.jus.br/leitura-na-prisao-muda-destino-de-condenados/>>. Acesso em: 05 dez. 2019.

DENARDI, Vanessa Goes et al. **Projeto Despertar pela Leitura no Complexo Penitenciário de Florianópolis-SC**: Abordagens teóricas e metodológicas. Revista Interinstitucional Artes de Educar, Rio de Janeiro, v. 1, n. 5, p.87-102, jan. 2019.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998. 69 p.

LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas ampliadas**: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura. São Paulo: Manole, 2004. 371 p.

PRÓ-LIVRO, Instituto. **Retratos da Leitura no Brasil**. São Paulo: -, 2016. 142 p. Disponível em:
<http://prolivro.org.br/home/images/2016/Pesquisa_Retratos_da_Leitura_no_Brasil_-_2015.pdf>. Acesso em: 08 out. 2018.

PROSE, Francine. **Para ler como um escritor**: um guia para quem gosta de livros e para quem quer escrevê-los. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. 320 p. Tradução de Maria Luiza X. de A. Borges.

QUEIROZ, Nana. **Presos que menstruam**: A brutal vida das mulheres - tratadas como homens - nas prisões brasileiras. São Paulo: Record, 2015. 294 p.

REYNOLDS, Jason. **Daqui para baixo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2019. 320 p. Tradução de Ana Guadalupe.

RIBEIRO, Alex. **Caso Escola Base**: os abusos da imprensa. 2. ed. São Paulo: Ática, 1995. 168 p.

RIBEIRO, Maria Luzineide P. da Costa. **Uma teia de relações: o livro, a leitura e a prisão**: Um estudo sobre a remição de pena pela leitura em Penitenciárias Federais Brasileiras. 2017. 240 f. Tese (Doutorado) - Curso de Doutorado do Programa de Pós-graduação em Literatura e Práticas Sociais, Departamento de Teoria Literária e Literaturas, Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

ROVER, Tadeu. **70% dos presos do DF leem mais de dois livros por mês**. 2013. Disponível em:
<<https://www.conjur.com.br/2013-abr-07/70-presos-distrito-federal-leem-dois-livros-mes>>. Acesso em: 07 out. 2018.

SANTA CATARINA. Heloisa Helena Reis Cardenuto. Governo de Santa Catarina (Org.). **Plano estadual de educação em prisões 2016-2026**: educação, prisão e liberdade, diálogos possíveis. Florianópolis: Diretoria da Imprensa Oficial e Editora de Santa Catarina, 2017. 92 p.

SANTA CATARINA. Departamento de Administração Prisional. Secretaria de Estado da Administração Prisional e Socioeducativa. **Santa Catarina tem 5,5 mil presos no projeto Despertar pela Leitura**. 2019. Disponível em: <<http://bit.ly/2rFKgdh>>. Acesso em: 05 dez. 2019.